

A PROVÍNCIA

Semanário

AVENÇA

Informação **Cultura** Recreio

Proprietário, Administrador e Editor
V. S. MOTTA PINTO

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO - AV. D. NUNO ALVARES PEREIRA, 18 - TELEF. 026467
MONTIJO
COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO - TIPOGRAFIA SIMÕES, LDA. - TELEF. 22371 - SETÚBAL

Director (Interino)
MOTTA PINTO

Sr. Contra-Almirante Américo Tomás

Novo presidente eleito da República

Após os resultados verificados pelo acto eleitoral efectuado em 8 de Junho findo, coube há poucos dias ao Supremo Tribunal de Justiça realizar as últimas diligências ligadas àquele acto e proclamar o candidato que a Nação preferia, por meio de voto legal, para desempenhar as mais elevadas funções da vida pública portuguesa.

E assim, no passado dia 26, por meio de edital donde constam os números de votos obtidos por cada um dos três cidadãos propostos à escolha da população, com capacidade eleitoral, foi dado o seu *verdictum* a todo o mundo.

Recaiu a escolha no Senhor Contra-Almirante Américo Deus Rodrigues Tomás que, em mais duma dúzia de anos, na gerência da pasta da Marinha, afirmou ali a sua alta competência e realizou uma obra prestigiosa de reorganizador e patriota.

«A *Provincia*», associando-se ao júbilo nascido de tão brilhante acontecimento na vida nacional, cumprimenta muito respeitosamente o ilustre Chefe do Estado.



Folha ao Vento...

POR ZÉ DOS ANZOIS

Cada uma das mulheres apresenta o seu tipo especial, tal como o Destino as fadou, à semelhança de uma flor, que tem a sua espécie bem própria. Todavia, se nos demormos a analisar cuidadosamente uma e outra acabaremos por verificar haver nelas qualquer coisa que muito as iguala, uma vez que ambas se mostram aos bons apreciadores com certo viço, beleza, encanto e tentadoramente.

Lembre-mos, no entanto, que um simples sorriso de mulher pode prender uma existência, embora que em seus afagos possam esconder duro espinho.

Tenhamos presente o facto de inúmeras traições terem sido disfarçadas com sorrisos, que a tudo se prestam. Muitas vezes, aquele que julgamos verdadeiro amigo, pode não passar de um hipócrita que alimenta

apenas o desejo de nos profunder os segredos para amanhã deles se valer em nosso prejuizo.

E' que a virtude vive muitas vezes não longe da Calunia e pos isso a Inveja maliciosa se abeira da Fortuna e da Honradez, tal como a ingratitude anda de parilha com o Beneficio que a alguém se dispensou. Uma jura de amor, note-se bem, murmurada em segredo ameno a uma donzela, quantas vezes mais não é do que torpe laço em que o anjo da inocência se deixa cair e prender a infernal arrependimento já sem o menor remédio.

Meditem bem em tudo isto e convençam-se de que o uso de cautela, queridas leitoras, nunca é demais...

Visado pela Censura

As Festas de S. Pedro do Montijo

revestiram este ano mais uma vez aspectos de imponência, na opinião de algumas dezenas de milhar de pessoas, que as presenciaram

Já fizemos referência no número anterior deste semanário, ao regozijo que animou toda a população de Montijo e os inúmeros forasteiros que visitaram a nossa vila por ocasião das tradicionais Festas de S. Pedro, aqui levadas a efeito este ano, de 26 de Junho passado ao dia 1 do corrente.

Felizmente tudo decorreu bem, à parte as más condições do tempo, nos dias 26 e 30 do mês findo, ainda que se limitassem a chuvas miudinhas, impertinentes e prejudiciais, para o brilhantismo invulgar que poderiam assumir todos os números festivos.

Agora, já extintos os últimos

ecos dos memoráveis festejos de S. Pedro, que constituiram vibrante exteriorização do dedicado contributo moral e material do bom povo desta região e de todos que a ele se associaram, seja-nos permitido, ainda que em síntese, destacar alguns dos principais e notórios factos ligados a essas festas.

Assim, em complemento do que já dissemos, referir-mos que na noite de quinta-feira, 26, fizeram-se ouvir duas Bandas da nossa região: a sempre aplaudida Democrática 2 de Janeiro, de Montijo; e a dedicada Progresso e Labor Samouquense, de Samouco, que tão dignamente mantêm as suas tradições musicais. Os concertos realizados por ambas agradaram em

absoluto aos assistentes, como números de abertura nestes Festejos.

Na noite de sexta-feira, 27, apresentaram-se em público nestas Festas, as Bandas da Academia Musical União e Trabalho, de Sarihos Grandes; e a amiga Sociedade Filarmónica Providência, de Azeitão. Ambas são igualmente merecedoras do nosso apreço, por serem compostas em grande parte por trabalhadores rurais e muitas vezes desprovidas de meios de desenvolvimento.

No final, exibiu-se o distinto e apreciado Rancho das Sete Saias, de Benavente, que cantou e bailou animadamente, numa vibrante afirmação de que a gente ribatejana, e em especial, a da borda de água, é sempre viva e ávida em manter os seus honrosos pergaminhos, quer seja ao enfrentar o gado nas lezírias da sua vasta região, ou nas manifestações do seu folclore.

Noite de sábado, 28 que nos proporcionou a audição de duas apreciáveis Bandas de brilhantes tradições: — a centenária Sociedade Filarmónica Palmelense (Loureiros) e a «União Seixalense», que muito enobrece a vila do Seixal. São dois verdadeiros alfôbres de artistas, cujas actuações são sempre ovacionadas calorosamente. A primeira é regida pelo insigne maestro, sr. Joaquim Pinto; e a se-

Continua na 3.ª página

O Espírito e o Dinheiro

O Dinheiro não dá felicidade. A frase é velha, velha demais para ser criticada, e eu sempre tive um certo respeito e admiração pelas coisas antigas.

No entanto, os mais cépticos ou mais materialistas acrescentaram ao velho ditado umas quantas palavras, que não deixam a meu ver de ter a sua razão de ser. E se hoje em dia alguém começa por pronunciar românticamente, o dinheiro não dá felicidade, e inevitável que, se o interlocutor for um dos tais cépticos materialistas, ouse concluir a frase com a emenda actual: mas ajuda muito.

Na era que atravessamos, dinheiro significa poder. Os indivíduos são cotados pelos

seus alicerces financeiros, e serão tanto mais considerados quanto a sua conta do Banco for subindo.

Isto que acabo de dizer não é de modo nenhum uma novidade, é tão banal, tão ouvido, que está constantemente na ordem do dia.

Só os bens espirituais se conseguem sem dispêndio de dinheiro.

Mas, acrescentam os que se consideram sabidos, o dinheiro também compra o amor, a honra, a bondade, a consciência, a obediência e a admiração.

Mas aqui está, basta-nos saber que foram comprados para termos a certeza que não são naturais. Só a ex-

Continua na 6.ª página



Imagens das Festas de S. Pedro, deste ano em Montijo

Sr. Giraldes da Silva PRIO

As Festas de S. Pedro do Montijo

Continuado da 1.ª página

gunda, tem como regente o prestimoso montijense, sr. António de Sousa.

A seguir exibiu-se perante numeroso público, o distinto Rancho Folclórico da Casa do Povo de Cano (Sousel-Alto Alentejo), que durante largo espaço de tempo, enebriu a vasta assistência com o seu belo repertório de canções, dolentes cantares e boas marcações, relembrando a sua longínqua terra transtragana.

Muito e muito bém, na sua brilhante e memorável exibição.

Para encerramento do programa desta noite, foi lançado um vistoso fogo do ar, que deliciou todas as pessoas a quem foi dado o prazer de o apreciar.

Dia 29, — S. Pedro —, de grandiosa festa em Montijo, ao seu padroiro, reinando aqui desde manhã inconcebível afluência que vibrava com entusiasmo, por ser o «dia máximo» dos festejos deste ano.

A's 8 horas, — a exemplo dos dias anteriores —, fez-se a alvorada com potente salva de morteiros e foguetes, seguida pouco depois da passagem de «Zé Pereiras, Gigantes e cabeçudos» pelas artérias da vila, anunciando a continuação das festas da terra.

Desde logo a vila começou a movimentar-se, animada pela vinda de inúmeros peões e veículos de povoações vizinhas, num alvoroço constante e próprio da imponência do programa festivo desse dia.

Perto das 9, já começavam a afluír numerosas camionetas com passageiros de variadíssimas procedências; e cerca de meia hora depois, chegaram os primeiros barcos fluviais — um deles, «caciheiro», completamente regorgitando de passageiros, — facto este que se repetiu diversas vezes durante o dia, sempre «à cunha» como sói dizer-se.

Pelas 9,30 fez-se a concentração de trens na ampla e airosa Avenida Corregedor Dias, — alguns de aspecto garrido — cheio todos eles de graciosas raparigas que com os seus trajes característicos, imprimiam um panorama álarce a todo esse conjunto de juventude.

De manhã, pelas 10 horas, com a presença das Comissões das Festas e das Entradas, sr.ª D. Maria Pereira, madrinha destas entradas em representação do nosso prestimoso confrade de imprensa, «Festa», em alegre ambiente deram-se as melhoras provas de agilidade na entrada de gado bravo, a pé, através da nossa vila.

Fugas desordenadas por vezes no «salve-se quem puder», outras de arrojo, tal foi o espectáculo colorido e movimentado nesse trajecto, dessa manhã, relembrando as antigas espéras em Montijo.

...E já nessa parte do dia de S. Pedro, pelas 8 e 10 horas, sob o aspecto religioso, houvera missas na igreja matriz da vila; realizando-se igualmente pelas 12 horas, e estando presentes as entidades, oficiais, Comissão das Festas e pescadores, com o templo repleto de fieis, missa solene e cantada, com a parte coral a cargo do magnífico Grupo «Stella Vitae».

Foi prègador nesta missa, à qual esteve presente o ilustre governador civil do distrito, sr. Dr. Miguel Bastos, o distinto orador sagrado, revd.º padre sr. Lucian José Cutilheiro, pároco de Peões, deste concelho.

Findo este acto lúrgico, a afluência de montijenses e forasteiros continuou a convergir para os recintos do arraial feira, animando esses locais.

Pelas 15,30 hrs. iniciou-se o valioso concerto musical pelas afamadas Bandas do Ateneu Artístico Vilafranquense, e Democrática 2 de Janeiro, de Montijo num conjunto total imponente sob a regência do proficiente maestro sr. Homero Ribeiro Apoliário.

A execução do seu repertório agradou por completo e foi, por vezes muito aplaudida.

Cerca das 17 hrs, já a nossa praça de touros estava interiormente bastante imponente, tal a elevadíssima assistência de aficionados que ali se compíria.

A primeira corrida das Festas de S. Pedro satisfic a enorme multidão, dada a categoria dos artistas que nela tomaram parte.

Conforme já foi reitado pelos críticos taurinos, brilham os cavaleiros Manuel Corle e Pedro Louceiro, (este em lgar de Dr. Fernando Salgueiro, que faltara por doença), e bem assim, os novilheiros José Trincheir, José Júlio e Armando Soares, que se distinguiram nalguns lance.

O Grupo de Forcads Amadores de Vila Franca de Xa, chefiado por António Porto, obteve um bom êxito, recolhendo igualmente grandes aplausos do público.

Salientou-se nesse glorioso grupo o seu capitão, António Porto, numa pega magistral que fez levantar toda a assistência, numa vibrante ovação.

Após a corrida, aconceituada Banda Municipal de Estremoz, sob a regência do hábil maestro, sr. Fernando Monteiro, iniciou o seu primoroso concerto, brindo com a marcha «Alfredo Reo» no coreto municipal desta vil, enchendo-se a Praça da República, cujos ouvintes dispensaram à Banda de Estremoz prolongads ovações.

Os seus executants confirmaram as suas mais saentes qualidades de disciplina, arumo e arte.

Já depois das 19 hrs e com a honrosa presença do sr. Chefe do Distrito, D. Miguel Rodrigues Bastos, efectuou-se a magstosa procissão de S. Pedro, espectáculo sempre grato ao coração dos montijenses.

Uma imensa multidão acompanhando a veneranda imagem desde a sua saída na Igreja matriz até ao cais das falúas, onde e lá efectuar como de costume, a impressionante bênção dos barcosmuitos deles vistosamente engalandos...

...Tudo na melhor ordem, como é habitual em Montijo, em demonstração de civismo do seu povo. Durante long espaço de tempo e sob o incessante estrelar de foguetes e ribombar de morteiros, a soberba proissão rompeu por entre compacta multidão, aos acordes das Bandas que nela se incorporaram.

Al se realizou entã a tradicional benção aos barcs ali surtos e aos valorosos pescadores, seus tri-

pulantes, em acto simbólico a todos os homens do mar; e terminada esse emocionante momento, a procissão regressou ao sumptuoso templo, isto já a hora adelantada da tarde.

Mais tarde já quase ao findar o dia, realizou-se o concerto musical da Banda do Ateneu Artístico, de Vila Franca de Xira, e a da Sociedade de 1.º de Dezembro, regida pelo seu dedicado maestro, sr. António Gonçalves.

Esta última que há mezes atingiu 104 anos de proficua existência, comprovou mais uma vez os seus prestigiosos méritos.

Neste concerto da noite, a Banda do Ateneu Vilafranquense, foi mais uma vez aplaudidíssima, em reconhecimento ao seu alto valor artístico e à sã amizade que une estes dois povos ribatejanos.

No final, realizou-se uma esplendorosa sessão de fogo de artifício preso, com lindos números que muito agradaram a todo o público.

...E estava assim cumprido integral e muito dignamente o programa do «dia máximo», das imponentes festas de S. Pedro, em Montijo.

Por absoluta falta de espaço, guardamos o resto das nossas reportagens para o próximo número.

Feira de São Tiago em Setúbal

Realiza-se na sede do nosso distrito de 25 do corrente mês a 10 de Agosto próximo, a tradicional Feira de S. Tiago, acontecimento festivo digno da simpatia de todos os amigos da cidade de Setúbal, torrão natal de vultos sadinos ilustres, em que figuram entre outros, Bocage e Luisa Todí.

No programa das suas festas figura desde já a realização de interessantes touradas, provas de automobilismo, marchas populares, provas náuticas, corridas de carroças e de officios, concertos musicais, certames de fados e vistosos fogos de artificios, etc. etc.

De viagem

Beneficiando de uma bolsa de estudo concedida pela J. P. C. P., a-fim-de fazer um estágio em Bossey, perto de Genebra, (Suíça), destinado a frequentar ali um curso de especialização de contabilidade, administração e organização de ficheiros, seguiu há dias para aquele país, o nosso particular amigo e valioso colaborador, sr. Joaquim da Silva, digno inspector do G. I. P. L. e residente em Agualva-Cacém.

Agradecendo reconhecidos os seus cumprimentos de despedida, auspiciamos-lhe os melhores resultados e endereçamos-lhe os nossos votos de feliz viagem.

Assinar «A PROVINCIA» é contribuir para o progresso da sua terra.

REVISTA "MUNDO,,

e as nossas Festas de S. Pedro

Acaba de ser posto à venda o n.º 50 desta magnífica revista, dirigida pelo brilhante jornalista e escritor sr. Gentil Marques.

Neste número figura o concurso das Marchas Populares, para eleição da marcha preferida pelos seus inúmeros leitores.

O seu sumário é muito valioso e no que respeita à nossa região, destaca-se na primeira página de texto a rubrica *As festas de S. Pedro, no Montijo*, em retribuição da visita feita ao director daquela revista, na capital, pelo presidente do nosso Município, sr. José da Silva Leite; e srs. Humberto de Sousa e Joaquim Gregório, membros da Comissão das Festas de S. Pedro, de Montijo.

Confessamo-nos devéras penhorados pelas elogiosas referências feitas aos actos festivos aqui levados a efeito, há poucos dias.

Falecimento

Eng.º Agrónomo

José Pereira Caldas

Faleceu na sua residência em Lisboa, na madrugada de 26 do mês findo, o sr. eng.º agrónomo José Garcês Pereira Caldas, de 62 anos, natural de Santarém, presidente da Junta de Colonização Interna, que foi governador civil de Santarém e antigo subsecretário de Estado da Agricultura.

O ilustre extinto tinha uma brilhantíssima folha de serviços prestados em vários serviços públicos de destaque e deve-se-lhe, entre outras da sua útil actividade, a criação da Colónia Agrícola de Pegões.

Em 16 de Outubro de 1948 foi nomeado subsecretário da Agricultura, e, depois de haver deixado essas funções, passou a presidir à Junta de Colonização Interna, lugar em que a sua acção se fez sentir de modo muito brilhante.

O seu funeral realizou-se, com grande acompanhamento, para Santarém.

Á família enlutada apresentamos os nossos sentidos pêsames.

"O SETUBALENSE,,

e as Festas de S.

Pedro do Montijo

Em espirituosa crónica semanal de quarta-feira passada, sob o título de *Conversa Fiada* e rubrica de *S. Pedro veio cá abaixo...*, pela pena do seu colaborador sr. Alberto Fialho, fazem-se alusões às Festas de S. Pedro, em Montijo, das quais respigamos a seguinte passagem, muito digna do nosso reconhecimento:

...

«— O meu colega S. João foi mais festejado do que eu, não é verdade?»

«— Não, meu terno S. Pedro, há até aqui bem perto, uma terra do nosso distrito, onde a vossa veneranda imagem, tem sido festivamente incensada.

«— Essa terra fica muito longe de Setúbal?»

«— Não. É quase à distância de um abraço.

«— Então vamos até lá, sim?»

«— E foram. S. Pedro ficou encantado. Nunca se tinha visto assim tão festejado.

A sua festa foi um deslumbramento. E dos seus olhos caíram lágrimas de gratidão, que se perderam depois entre as suas grandes barbas brancas. E S. Pedro dizia assim baixinho: — Obrigado, povo de Montijo, muito obrigado. E voltaram de novo para Setúbal».

«A Maria da Esperança dizia para o seu sa companheiro:

— Então não foi a festa tão bonita? Feita a gente do mar, da labor vila do Montijo, em v. louvor.

— Um encanto, um dadeiro encanto...»

Pelas gentilezas do ilustre confrade «O Setubalense» o nosso muito e muito obrigado!

Última hora

CIRCO AMERICANO em Lisboa

Sensacional entrevista e reportagem do nosso redactor Luís Bonifácio com o emprezário ERICO BRAGA.

Leia no próximo número



S. Francisco — Alcochete

Adelaide Alféluia Correia

V.ª de José dos Santos Correia

Agradecimento

A família de Adelaide Alféluia Correia, falecida em 5-6-58, por desconhecimento de muitos nomes e meradas, vem por este meio, manifestar a sua muita gratidão, a todas as pessoas que se interessaram durante a sua doença, que expressaram condolências e ainda às que acompanharam a saudosa extinta à sua última morada.

Acalme os nervos! Sossegue!

RUHMAL

é o único calmante contendo o produto activo oxofendroxazina

Está absolutamente indicado nas perturbações nervosas, estados depressivos, colapsos nervosos, excitação, insónias, irritabilidade, receios infundados, timidez, complexos de inferioridade e outras afecções nervosas relacionadas com a chamada «doença dos gerentes».

RUHMAL

para descontrair e acalmar

RUHMAL

contra as agitações e nervosismos

À venda nas farmácias

Do Minho ao Guadiana

Alcochete

As festas de S. João Baptista

Mantendo a antiga tradição, voltaram este ano a efectuar-se nesta vila, as festas em honra de S. João Baptista, de carácter principalmente religioso.

Começaram com tríduo solene em que foi prégador, o revd.º José Rodrigues Paulo, pároco da Amóra, Seixal.

Celebrou-se missa de comunhão geral com sermão, acompanhada a grande instrumental e «Te Deum»; procissão em honra de S. João Baptista, em que se incorporaram as imagens do Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora da Vida, Nossa Senhora da Conceição, Nossa Senhora de Fátima, São Sebastião, Santo Expedito, Santa Filomena e Santa Teresinha.

Junto ao mar, foi lançada a bênção aos barcos, alinhados ao longo da muralha.

Colaboraram as filarmónicas Imparcial 15 de Janeiro, daquela vila e a Previdência, de vila Fresca de Azeitão.

Igualmente tomaram parte no cortejo um piquete de bombeiros, representantes do Grémio da Lavoura e de clubes desportivos locais milhares de fieis.

A' noite, efectuou-se um brilhante concerto pela Sociedade Filarmónica União norense, de Samora reia.

o final foi lançado um oso fogo de artifício.

(C.)

O Dia do Bombeiro

Esta risonha vila esteve n festa, no domingo, 22 do mês findo, pela celebração do Dia do Bombeiro, dedicado por completo à sua prestante e humanitária Associação dos Bombeiros locais, que tem por presidente da Direcção o sr. António Antunes, vereador do Município alcochetano e por comandante do seu corpo activo, o sr. Estêvão Augusto Nunes, pessoas muito dedicadas à vida local e seu progresso, e, por isso, gozam da maior simpatia da população.

Foram inauguradas três viaturas; realizou-se missa campal, desfile da corporação, com representação dos bombeiros voluntários doutras similares desta margem e de Lisboa, com bandas de música; sessão solene na Câmara Municipal, almoço às autoridades, Imprensa e convidados, e no final, espectáculo taurino.

O festival decorreu brilhante com bons artistas, que enfrentaram toiros de poder e puzeram, por vezes, em risco o físico dos diestros.

Houve brindes à Direcção dos Bombeiros Voluntários de Alcochete; a José André dos Santos, alma dedicada ao progresso da sua terra natal; e por fim, ao distinto cavaleiro João Branco Núncio.

Baixa da Banheira

Festividades em honra de N.ª S.ª de Fátima

Uma comissão para este fim organizada, sob a presidência do reverendo sr. José Feliciano Rodrigues Pereira, ilustre Pároco da nossa freguesia (A. Vedros), levou a efeito no p.º p.º dia 5 de Junho, uma festa em honra de N.ª S.ª de Fátima, constando entre outras solenidades religiosas, das seguintes: — Procissão e missa campal no local onde vai ser construída a nova Igreja, com pedidório e leilão de ofertas, cujo produto revestirá a favor da construção da mesma. Não se revestiu do brilhantismo que se esperava, visto que o mau tempo não o permitiu, infelizmente.

Grupo Columbófilo Banheirense

13.º Concurso; 1-6, 240k^m; Mangualde — B.ª B.ª, Adão Cantante, 1.º, 5.º, 8.º, 15.º, 17.º, 21.º, 22.º; José A. Lúcio, 2.º; Joaquim Brito da Silva, 3.º, 23.º, 27.º; João Luiz Santinho, 4.º, 7.º, 28.º; Nalentin Marques, 6.º; Alberto Cassiano, 9.º, 24.º; Rafael Pratas 10.º; Francisco Loução, 11.º; António Dionízio, 12.º e 19.º; António Amado, 13.º, 18.º, 29.º, 30.º; Ferrer Calado, 14.º, 16.º, 25.º, 26.º; Laurentino Mateus da Silva, 20.º. — Ofereceram prémios para este concurso os Srs.: Francisco de Almeida (Carvalhinho — Moita), 1 taça ao 1.º class.º; José Beatriz, vários acessórios p.ª bicicleta ao 3.º class.º como de costume, parabéns a todos os concorrentes.

R. T. P.

No passado dia 8-6, tivemos o prazer de assistir a mais um programa de T. V., no Café-Restaurante «Estrela do Cabeço».

A imponente e castiça

Festa do Colete Encarnado

Realiza-se em Vila Franca de Xira de 12 a 14 de Julho corrente

Mais uma vez a notável Vila Franca de Xira, vai realizar nos dias 12, 13 e 14 deste mês, a sua tradicional e típica Festa do Colete Encarnado, à qual o Município local dará novamente o seu valioso patrocínio,

DESSPORTOS

Basquetebol

O Montijo derrotado em circunstâncias anormais Farense, 42 - Montijo, 31

Jogo disputado no Campo da Alameda, em Faro, a contar para o Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, apuramento do finalista da zona-sul.

As equipas utilizaram os seguintes jogadores: **Farense** — Gago, Caranho (8), Santos, Estevinha (4), Fonte Santa «ex-Sporting» (11), Afonso (4), Vinhas (11), e Nunes (4). **Montijo** — Adriano (2), Tomás (3), Américo (2), Elisário (4), Mocho, Teodemiro (5), Heitor e J. Maria (10).

A arbitragem esteve a cargo dos conceituados juizes lisboetas, srs. Artur Resende, Albino Figueiredo.

A equipa montijense após uma carreira triunfal neste Campeonato Nacional da 2.ª Divisão, partiu para o Algarve na esperança de conquistar mais uma vitória, que asseguraria a sua presença na final desta competição.

Estava escrito que os jovens representantes do Montijo não passariam este obstáculo, que se previa difícil levado à grande deslocação que teriam de fazer; mas, só os fez sucumbir as diversas circunstâncias anormais, não habituais no meio desportivo, que fizeram ruir a certeza de virem a ser merecidamente os campeões nacionais da 2.ª divisão.

bem como o ilustre vilafraquense, sr. José Van-Zeller, grande impulsor da Festa do Colete Encarnado, que agora ali se vai efectuar pela 26.ª vez.

A comissão organizadora é constituída pelo sr. José de Sousa Nazareth, presidente da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira, e vereadores, srs. dr. António José Vidal Baptista, capitão José Maria da Silva Guedes Júnior e Manuel José de Sousa, com a faculdade de agregar a si os elementos indispensáveis para a organização da atraente Festa do Colete Encarnado.

Estamos certos de que todos não se pouparão a trabalhos, para que tão imponente e castiça Festa confirme tão honrosas tradições.

Aos comissionados e ao bom e destemido povo vilafraquense, dirigimos as nossas felicitações e desejos do maior luzimento em tão prestigiosa iniciativa.

O Montijo tinha provado ao longodeste campeonato, que era a equipa que melhor basquetebol vinha praticando, sendo apontada pela crítica a especialidade, como a grande revelação desta temporada.

O jogo principiou no meio de m ambiente hostil para om a turma montijense, em que descortinassemos a razão de tão estranho procedimento, pois era esta a primeira vez que as duas equipas se defrontaram.

O Farense inaugurou o marcador por intermédio de Vinha, dando a Montijo rápida resposta com um espectacular lançamento de meia distância feito por Toms, a partida foi-se desenrolado com as duas equipas jogando taco-a taco e igualado a pontuação por diversas vezes, notando-se os seguintes empates, 8-8, 12-12 e 14-14.

Devido á boa réplica apresentada pelo conjunto montijense, a assistência com um barulho infernal começou a manifestar-se contra o árbitros que vinham fazendo um trabalho razoável.

Perante estas antipáticas manifestações, os árbitros foram obrigados a interromper pr diversas vezes a partida chamar a atenção das autoidade para que pusessem cõbro às perigosas ameaças e insultos de que estavam a ser alvos.

Com estes incidentes os árbitros foram-se atemorizando e deixaram passar sem punição várias faltas pessoais a favor dos montijenses, que nuita influência tiveram neste já célebre jogo, pois os adversários fortemente apoiados pelos seus aceptos, redobram e violência e punham constantemente em perigo a integridade física dos jogadores montijenses.

Como não podiam chegar junto da tblela adversária, pois eram vítimas de autênticas agressões, os montijenses teitaram os lançamentos de meia distância, mas sem esultados práticos, devido à péssima instalação da luz que era imprópria para jogar basquetebol.

Desta maneira não foi difícil o Farense chegar ao fim da primeira parte, a vencer o Montijo por 31-19.

Os rapazes do Montijo não desanimaram e vieram

dispostos a tentar no segundo meio-tempo modificar a corrente de jogo, mas foi impossível.

O grupo de Faro com 12 pontos de vantagem, começou a usar a prática da retenção de bola, para que o tempo fõsse passando sem perigrar o injusto resultado que estavam disfrutando. Na segunda parte o resultado foi 12-11, a favor do Montijo,

Assim terminou este campeonato, com o Montijo derrotado inglõriamente, neste derradeiro jogo que lhe poderia levar á conquista do ambicionado título de campeão nacional da 2.ª divisão.

José Rosa

Lutuosa

Cândido de Oliveira

Inesperadamente, faleceu há poucos dias em Estocolmo (Suécia), onde estava em serviço jornalístico no Campeonato do Mundo de futebol, o brilhante jornalista e técnico director-adjunto do jornal «A Bola».

A sua morte foi muito sentida e contristou os seus numerosos amigos, enlutando todos os adeptos do futebol em Portugal.

O saudoso extinto, que contava 61 anos, era natural de Fronteira (Alentejo), foi nos seus tempos áureos jogador-fundador do Casa Pia Atlético Clube e jogador do Benfica, em cujo meio era então conhecido por «Chumbaca».

Chegou a internacional e, depois, a desempenhar o cargo de seleccionador nacional de futebol, em cuja modalidade evidenciou as suas vastas aptidões, dedicando-lhe uma vida inteira e que muito lhe ficou devendo.

O seu corpo virá para Lisboa, via marítima, e o funeral do brilhante desportista efectuar-se-á para cemitério do Alto de S. João, da Sade do C. Pia A. Clube no próximo sábado.

Lamentamos o triste acontecimento, apresentamos á família enlutada e aos nossos confrades do jornal «A Bola», as nossas sentidas condolências.

Acidente de viação

Por queda da bicicleta em que seguia, deu uma queda desastrosa em Alcochete, sofrendo graves ferimentos na cabeça, Armando de Almeida, de 38 anos, jornalista e residente nesta vila. Tendo sido transportado para Lisboa, ali ficou hospitalizado.

ANTOLOGIA

Coordenação de JOÃO LUÍS DA CRUZ

APONTAMENTO sobre

Luís Calado Nunes

«Poeta e desenhador de muito mérito, nasceu em Aldegalega e morreu em 1918. Pertenceu à boémia artística de Costa Alegre, Cruz Magalhães, Bordalo, Columbano, etc. Foi também professor de mérito, prosador castiço e elegante. Deixou dispersas por jornais e revistas, muitas poesias de valor. O seu mérito como copista de obras de arte era enorme; trabalhava com tamanha fidelidade, que não raro os trabalhos copiados tornavam-se como original a cópia feita por Calado Nunes»

São especialmente notáveis as que existem no Museu Bordalo Pinheiro. Extraiu de «Os Brilhantes do Brasileiro», de Camilo, um drama que nunca foi representado.

In — «Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira», — Vol. V - pág. 433.

À memória de Luís Calado Nunes

Da língua dos deuses de Homero deste-nos, em transposição melodiosa, a doçura dos favos do Himeto e o aroma capitoso do vinho que Diónisos, da sua cratera de oiro cinzelada, deu a beber ao velhinho de Teos, prolongando-lhe a vida e reflorindo-lhe as rosas da sua coroa, dir-se-ia que entretecida nos jardins de Epicuro;

Da língua do Cícero, na euriímia das suas delicadas modulações, colheste o perfume das flores de Horácio, cantando-nos a longanimidade do espírito de Mecenas, a glória de Virgílio, a grandeza e potestade de Augusto e, amorosamente,

os encantos físicos de Lídia e a beleza suprema de Venus Cípria;

Alfim, ainda na língua de Camões, desferiste cânticos, em que a tua alma de lusiada pôs acentos de amor e ternura, plenos de graciosa simpleza próprios de quem achou na última filha de Lácio os ecos harmoniosos da Latindade, isto é: o verbo luminoso com que, Montijense ilustre, umas vezes rindo, outras chorando, nos abriste, palpitante de idealismo, o teu grande coração de puro oiro feito.

Creio em ti, porque ainda creio na Poesia!

João Luís da Cruz

UMA TAÇA

Mestre ourives, ó novo deus Vulcano, trago aqui boa prata p'ra lavar... Não quero armas! Não sou guerreiro ufano, eu não sei batalhar.

Faz-me antes uma taça ampla e funda, Não lhe graves a célica morada; Ursas, Boieiro, os astros em que abunda não me interessa nada!

Cerca-me de parreiras verdejantes; por baixo delas finge alegre bando de esbeltas, formosíssimas bacantes, e todas vindimando.

E põe-me num lagar pisando cachos, devotados a báquico serviço, Batilo, o Amor, e o Nume dos borrachos, Os três d'ouro massiço.

Desgarrada

O' meu amor, quando saís, a ver o campo florido, abrem alas os pardais, e as flores gritam: Sentido!

Se eu fosse Vergílio ou Dante O' dea, olimpico Nume... — Já volto, sôr estudante, vou pôr a panela ao lume.

Sou capaz de ler a eito, sem saber letra redonda, a cartilha do teu peito; e p'ra mim é quanto bonda.

Os teus olhos verdes, são uma rede de arrastar; nenhum pobre coração foge às malhas desse olhar.

Dois beijos mais seis são: três, com cinco e mais dez são: um deixa contar outra vez, supõe que não dei nenhum.

Sou bom português, amigos, neto de navegadores, afronto do Mar os p'rigos mas naufrago nos amores.

Provérbio

Não recuses abrigo nem ao teu inimigo; que a arvore também não nega a sombra a quem pretende derrubá-la. Faze por imitá-la.

Luís Calado Nunes

Varão Ilustre de Montijo



Nascido nesta vila em 19 de Junho de 1866; filho de Luís Elot Nunes e D. Antónia Rita dos Santos Calado.

Diplomado com o Curso Superior de Letras, era prosador castiço, poeta muito distinto de fina inspiração e pedagogo eminente, doublé de artista plástico, existindo alguns trabalhos de sua autoria no Museu Bordalo Pinheiro, em Lisboa.

Faleceu em Santarém a 15 de Setembro de 1918, com 52 anos de idade.

(Vide notas biográficas do nosso ilustre colaborador, sr. João Luís da Cruz, insertas em «A Província», n.º 93, de 20-12-1956).

João de Deus

Flôres do Campo, assim chamou primeiro João de Deus áqueles seus primores.

Livrinho singular, ingénuo e verdadeiro, que nos faz crer e amar; de tão variadas cores!

De tão suave cheiro! Cada página dele é um canteiro. Pós-lhe nome depois: **Campo de Flôres**.

O' sonhador de Heresta e de Maria, poeta da elegia, que por antifraxe se chama **A Vida**, é poeta da Graça e dos Amores, deixou-te a Mocidade compungida, no templo de Belém, **Campa de Flôres**. Mas todas elas, que por lá ficaram dispersas pelo chão, coitadas! já murcharam e as que deixaste no teu livro, não!

1912

RETRATO

O MEU MOINHO

(Fragmento)

Este... Não tinhas, mais de treze anos. E' lindo! Uma rosa em botão que vai agora abrindo. Por onde passas, fica um luminoso rastro, como se ali passasse incandescente um astro. Há no teu coração, explêndido de sol, cantando a toda hora um doido rouxinol. Ainda não deixaste o vestidinho curto, mas, quando saís à rua, olhas p'ra trás, a furto, ingénuamente a ver se a fimbria dele arrasta.

A curva do teu peito, airosamente casta, começa de avultar. Lembra um barquinho, quando fresca brisa lhe vai as velas enfunando... Ontem, na missa viste um jovem de luneta; O Cupido apontou esta primeira seta; mas não a despediu, que o moço enamorado seguiu-te até à porta e foi-se envergonhado. Não no hás-de esquecer, nem ele te esqueceu, mas pensa agora mais no exame do Liceu.

1894

Provérbio de Salomão

A mu her impicante faz lembrar: um telhado, no inverno, a gotear.

Obrigá-la a calar é vão intento! Ninguém pode fazer parar o vento, Nem ninguém teve ainda a pretensão de segurar azeite com a mão.

Ainda sobre a revista

Melodias da Cruz Quebrada

A música dum jovem compositor na voz do povo

Este nosso pequeno artigo é, por assim dizer, uma homenagem justa; diga-se desde já, a um velho amigo e companheiro das carteiras liceais, Victor Manuel Valle-Domingues que, nas horas vagas que o difícil curso de Direito lhe deixa, se dedica à composição musical. Foi, em hora feliz, o autor da música da conhecida revista da Cruz-Quebradense, «Melodias da Cruz-Quebrada».

Como sabemos, numa revista, um dos factos essenciais para se obter o êxito é a música e no caso presente foi precisamente o que sucedeu. Assim, a música do meu grande amigo passou a andar na voz do Povo, pois era frequente verificar-se, no decorrer das representações, a assistência acompanhar em coro as canções. Mas tive há poucos dias ocasião de verificar, que não era só durante as representações que as canções eram cantadas pelo Povo.

Vou contar o que sucedeu: passando por uma rua de Algés, ouvi cantar a canção «Onde estás, Coração», uma das mais belas, senão a mais bela da revista. Admirado, procurei ver onde estava a ser cantada. Verifiquei que era na janela dum velho prédio, onde 3 crianças a entoavam satisfeitas.

Foi nesta altura que me lembrei de prestar esta modesta homenagem ao meu velho amigo Victor. Ao terminar, faço votos para que ele acabe com êxito o seu curso de Direito e que, nas horas vagas, não deixe de se dedicar à composição, pois o grande juiz dos compositores, ou seja o Povo, esse já lhe deu a sua completa aprovação.

Manuel Lima

P. S. - Perfilhando o elogio do nosso camarada de jornal, Sr. Manuel Lima, quanto a Victor Valle-Domingues, acrescentarei que o melhor louvor reside no ofício dirigido à Sociedade da Cruz Quebrada, pela Direcção dos Bombeiros Voluntários de Linda-a-Pastora, que diz:

«E' sempre difícil saber agradecer a quem tão nobremente sabe compreender a altiva missão dos Bombeiros. Foi para nós, Directores e para a nossa massa Associativa o grande acontecimento que nos veio apresentar a distinta embaixada artística que compõe o vosso grupo Cénico. Foram horas que no nosso palco fizeram brilhar as velhas tradições da vossa colectividade.»

Sr. Presidente: aceite e tenha a fineza de comunicar a todos os Directores e componentes do Grupo Cénico o nosso reconhecimento e gratidão por tão brilhante carreira que encetaram, a Bem da Propaganda, da Arte de bem representar.

Com elevadíssima consideração nos subscrevemos — A Bem da Humanidade — Pela Direcção, O Presidente, A) António Pereira do Nascimento, 25/5,58.

E. R. N.

YOGHURT
BOM DIA

Fonte de Saúde e Energia



Preparado sob controle científico

Saúde e Energia com Yoghurt BOM DIA

BIOLACTA - R. Luís Augusto Palmeirim, 15-A-B

LISBOA - Telef. 775027

O Espírito e o Dinheiro

Continuado da 1.ª página

pontaneidade pode justificar estes sentimentos.

O amor, amor, despreza o peso do ouro, a honra não tem preço, a bondade é um sentimento que não precisa ser forçado, a obediência comprada é escravidão, e a admiração que não seja por uma superioridade espiritual é inveja.

Como no princípio disse, reconheço uma certa razão de ser na nova fase do adágio. «mas ajuda muito», e a culpa é dos tempos actuais. Parece-nos que sem dinheiro nada se faz, os homens são forçados pelas circunstâncias a calar dentro de si, ternos sentimentos, que seriam considerados pelo seu semelhante, de sentimentalismos piegas.

Riem-se das pretensões dum pobre que o não é espiritualmente, quero dizer, daqueles para quem a bolsa se encontra na razão inversa do cérebro. Pelo contrário, desfazem-se em assédioslouvaminheiros a um cérebro oco ao serviço de uma carteira recheada.

O exército que defende o primado espiritual, é indubitavelmente menor, mas não recua perante o ataque do inimigo materialista, e a razão da sua força já foi atrás explicada.

Quando ceder, quando o espírito der lugar à matéria teremos o homem máquina, o homem animal irracional.

Mário Martins

Romeu e Julieta

O seu amor e a sua morte

Uma estação emissora de rádio acaba de lançar no éter a célebre tragédia «Romeu e Julieta» que Shakspeare nos contou.

Haverá quem possa julgar que Shakspeare criou essas duas figuras na sua grande fantasia de escritor e poeta, com as quais conseguiu arrancar torrentes de lágrimas a inúmeras sentimentalistas: mas, assim não foi! — por infelicidade do fim dos jovens enamorados. Ambos viveram, sofreram e se amaram bem perdidamente!

Julieta dorme em Verona o sono eterno num humilde mas poético túmulo, já um tanto em ruínas, ao fundo do inculto jardim do antigo convento franciscano, vendo-se-lhe ao lado, na parede, um medalhão com o retrato em pedra, de frei Lourenço, que foi confessor de Julieta e protector dedicado dos amores, sentidos bem profundamente no coração daqueles jovens que serão lembrados sempre pela Eternidade.

Quem um dia vá à Itália, não deixe de ir a Verona ver por alguns momentos o túmulo de Julieta que, como disse, se encontra ao fundo do inculto jardim do antigo convento franciscano, e não esqueça de olhar também com piedade para um nicho, recoberto de azulejos, que fica próximo do medalhão de frei Lourenço, onde, sem dúvida, deve ter estado primitivamente a imagem dum santinho, que deve ter sido da devoção da formosa

Julieta, e de colocar uma flor junto das muitas outras, resequidas já, que ali depositaram piedosas mãos de visitantes com os olhos velados de lágrimas.

Romeu, vítima da maldade dos homens que não souberam perdoar, está bem distante; em Mântua, sem qualquer destaque que possa chamar a atenção da pidade dos que passam pelo seu túmulo e o olham indiferentemente.

E' que, leitor, as despóticas famílias daqueles dois grandes amores, fundidos apenas num só, nem depois da noite quiseram perdoar e compreender a grande amizade entre Romeu e Julieta!

Pois, embora que tumultados distantes um do outro, tenho bem a certeza, suas almas se fundiram quando ambos, por vontade própria e devido à força da maldade alheia, fizeram com que a vida se lhes apagasse em Verona onde tinham sonhado longa vida de esperanças, amor e felicidades, voando para a Eternidade, bem unidinhos, em exemplo de um amor incomparável que foi bem sentido, compreendido e magistralmente descrito por Shakspeare, — esse grande escritor e poeta inglês que entendeu por bem contar-nos o que foi a grande tragédia desse grande amor contrariado...

Curvemo-nos por momentos em respeito perante a evocação de Romeu e Julieta!

Saphera Costa

O valor do pensamento

Habitúamo-nos a aceitar do presente tempo toda a gama de factos por leves observações visuais.

Os estudiosos não se perdem em cogitações quanto a o simples exterior das coisas, vão mais além, reduzem ao sintético espaço do seu pensamento individual o pensamento universal e descobrem momento após momento, símbolos, motivos desconhecidos de beleza, em tudo aquilo que ao pensamento vulgar e a observações ligeiras se pode afigurar de impossível e inacreditável.

Tais factos são destruídos pela veracidade das histórias de todos os tempos e pela exploração do pensamento.

A remota história dos povos torna conhecida em tempo actual a sua antiga maneira de viver, de pensar e sentir. Os homens de então desprovidos de ciências evoluídas e de técnicas aperfeiçoadas, em estados quasi bárbaros, deixaram-nos fluídos de um felicidade incapaz de ser vivida em nossos dias, nos seus rudes trabalhos construídos pela singeleza, das suas

mãos, há sempre um sopro do primitivo, mas do belo, onde não há deflagração, compatibilidades, a realidade passa a confundir-se com a originalidade.

O puro «modus vivendi» desses povos era uma contínua sucessão de apreços e regozijos, de per si o homem construía o seu próprio caminho e no primitivismo que encerrava todo o seu pensamento ele não conhecia a descrença, fracassos, era forte, dir-se-ia, era um Deus feito homem, na barbarie dos seus anceios, vivia prosaicamente contemplando o templo dos seus feitos, não pensando ser capaz de ultrapassar a simplicidade dos meios que dispunha e a mais elementar lei de acção.

Com o sucessivo descampar das quedas das raças e dos novos costumes introduzidos, a técnica, a ciência, inerentes ao valor dos indivíduos, fez de igual maneira repousar sobre o valor do pensamento humano, uma pesada responsabilidade. Actualmente nenhum povo pode gozar de simplicidade nem nas coisas

nem sequer no pensamento tudo vai para além do que é fácil e simples, tudo na vida tem tomado um poder de aspecto transformador e fantástico e impele o pensamento às cogitações mais profundas e difíceis. O homem rende culto racional a o pensamento universal sentindo que esse pensamento é um todo orgânico, do seu próprio pensamento.

Se a antiguidade é rica em elementos históricos ofertados em cada dia ao presente, é meramente pobre em elementos básicos de atribuições de actividade orgânica, evolução, descoberta e acção.

Oxalá não tenhamos de aceitar futuramente a mesma fase da história contida nos conceitos da natureza que nos domina e não daquela que por nós devia ser dominada proveitosamente para bem de todos.

Na verdade necessária, o pensamento tem um direito único de profundar todas as leis da vida e inteligentemente mostrar a cada pessoa, não um deus feito homem, mas um homem liberto dos impulsos frágeis da sua geração, que renasça numa triplíce, de ideia, actividade e pensamento.

Minda Pires